INTRODUÇÃO À LITERATURA INDÍGENA DE RORAIMA: O GÊNERO PANTON/PANTONI

TRUDRUÁ DORRICO[1]
UFRR, BRASIL
https://orcid.org/0000-0002-5428-2432

CATARINA NOGUEIRA WOTTRICH[2]
UFRR, BRASIL
https://orcid.org/0009-0009-1973-1077

CRISTIANE ALBINO[3]
UFRR, BRASIL
https://orcid.org/0009-0002-4510-5474

KATIA PRISCILA BORGES[4]
UFRR, BRASIL
https://orcid.org/0009-0005-6726-7126

RESUMO: *Este artigo, escrito coletivamente como resultado da disciplina "Tópicos Especiais: a Literatura Indígena Infanto-Juvenil", da Universidade Federal de Roraima, em 2024, objetiva analisar a obra "A história de Xibobo/Pokowa Pantoni", de autoria de Matilde Makuxi e Lacy Mariano, com a intenção de apresentar a obra cujo gênero é a pantoni, gênero criado no seio do povo Makuxi, em caráter oral. A discussão voltada à literatura indígena/reconto/pantoni makuxi é importante para guiar leitores nos paradigmas que fundamentam a narrativa ancestral no livro editorial.*

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura, Makuxi, Pantoni.*

ABSTRACT: *This article written collectively as a result of the discipline "Special Topics: Indigenous Literature for Children and Youth", at the Federal University of Roraima/2024, aims to analyze the work "The History of Xibobo/Pokowa Pantoni", authored by Matilde Makuxi and Lacy Mariano, with the intention of presenting the work whose genre is pantoni, a genre created among the Makuxi people, in an oral format. The discussion focused on indigenous literature/retelling/pantoni makuxi is important to guide readers in the paradigms that underlie the ancestral narrative in the editorial book.*

KEYWORDS: *Literature, Makuxi, Pantoni.*

---

[1] Pertencente ao povo Makuxi (RR). Doutora em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Rondônia.
[2] Mestranda em Letras pelo PPGL/UFRR. Pesquisadora na linha literatura, Arte e Cultura Regional.
[3] Mestranda em Letras pelo PPGL/UFRR. Profª. da Educação Básica do Estado de Roraima. Pesquisadora na linha Literatura, Arte e Cultura Regional.
[4] Mestranda em Letras pelo PPGL/UFRR. Professora da Rede Municipal de Boa Vista/RR. Pesquisa Literatura Indígena Infanto-Juvenil.

Ritual de iniciação

A literatura indígena brasileira contemporânea foi inaugurada, oficialmente, em caráter editorial, após a promulgação da Constituição Federal (1988), quando o estado reconheceu os direitos da cidadania indígena, afirmando o direito da identidade indígena. A partir desse momento, em que os próprios indígenas começam a conquistar o território da autoria, também inauguram na literatura indígena seus gêneros, de autoria coletiva e oral. No caso do povo Makuxi, o gênero trazido para o livro editorial é: panton/pantoni (lê-se pandon/pandoni). Panton é singular e pantoni, o plural de panton, utilizada geralmente para sinalizar que esta narrativa integra um conjunto de histórias do povo Makuxi.

A definição de panton, segundo o Dicionário Macuxi (RAPOSO; CRUZ, 2016) relaciona o gênero à História, aos fatos do passado. Na tradução literal, teríamos para *Penaron ko'mannî'pî yekare*, na tradução de Julia Dorrico, falante makuxi, mãe de Trudruá Dorrico, "Notícias do velho tempo".

Na obra "*Makuusipe karemeto'pe awanî* (uma gramática pedagógica da língua macuxi)", de professores Makuxis (MACDONNELL, 2020), emprega-se pantoni para as narrativas *Waikin moroopai muru*' *pantoni*, *Apo' pantoni*, *Kaikuxi moroopai wayamuri pantoni: waira iwa'nen*, ou seja, para se referir às narrativas curtas de animais mamíferos, insetos, peixes, trovão, cipó, fogo, lago, entre outros, do tempo dos ancestrais.

No capítulo VII, intitulado "Histórias que o meu povo conta", da obra "Filhos de Makunaimî: Vida, História, Luta" (CIR, 2004) também é empregado "história" para designar tanto a origem dos nomes das comunidades quanto para contar a "História da saúva e da sogra; A lua; O macaco e a onça; História do caçador; História do Jabuti e a onça; História do urubu e o sapo; A corrida do jabuti e do veado; O macaco e o peixinho; entre outras.

Na obra *Amooko pîkon pantoni/Wayamuri moroopai kaikuxi*, do parente makuxi Vitor Francisco Juvêncio (2014), ele utiliza pantoni para designar a história do jabuti e da onça.

Neste artigo, analisaremos a *pantoni Pokowa Pantoni/História do Xibobo*, publicada em caráter bilíngue makuxi/português, pelas autoras makuxis Matilde Makuxi e Lacy Mariano (SILVA; SILVA, 2021).

Podemos observar, por esse conjunto de publicações elencado, a convenção em torno do uso do nome pantoni para se referir à narrativa curta e de origem makuxi, que trata da relação entre não humanos e não humanos e não humanos e humanos, do tempo dos ancestrais.

Buscamos neste trabalho reforçar a existência autoral e coletiva do gênero panton/pantoni e mostrar que é um gênero (também) literário do povo Makuxi. Ao demonstrarmos a existência do gênero narrativo e a propriedade autoral do povo Makuxi, buscamos fortalecer uma pesquisa que possa compreender o paradigma indígena Makuxi: do gênero próprio e metodologias makuxis para o ensino da leitura e da literatura makuxi/indígena/brasileira.

Capítulo 1: Outras definições do gênero panton

De acordo com o Padre Cesário Armellada, na obra "Cuentos y leyendas de los índios Pemon" (1989), a definição de panton é a seguinte: "Queda ya dicho que los índios Pemón engloban en un solo nombre la fabula, el cuento y la leyenda. Los llaman *panton*. Y la palabra ordinaria que contraponen es *ekaré*, noticia de sucesos verdaderos" (ARMELLADA, 1989).

Panton, nesse sentido, seriam as narrações entre seres imaginários como os mawari do cerrado e das cachoeiras, os rató das águas profundas, os piaimã da floresta; "a personificação de elementos naturais como a tempestade, o raio, o fogo e até a fome e semelhantes. Com a diferença que sempre aparecem em suas relações com os homens" (ARMELLADA, 1989). No cotidiano makuxi, nomeamos os seres imaginários como "donos", que seria equivalente a pai, mãe, espírito que habita a planta ou o animal, o campo, o caminho, a água. Na universidade, os compreendemos como não humanos, também sob a ordem do mundo espiritual.

As panton seriam as narrativas que mesclam os seres não humanos junto aos humanos, ou ainda, majoritariamente, dos não humanos com um humano, ou ainda de não humanos com não humanos, todas, nesse caso, sempre de origem makuxi. Outra característica, é que para o povo Makuxi, nas narrativas os não humanos que podem ser pássaros, animais, plantas, todos falam a língua makuxi, imprimindo um denominador comum entre humanos, não humanos via o *macuusi maimu*, isto é, a língua makuxi.

Para Devair Fiorotti, "Panton pia' é um livro de histórias. "Panton" significa história em makuxi e "pia", junto, perto: junto, perto da história" (FIOROTTI, 2019).

Uma coisa que pudemos notar é que as pantoni são histórias de antigamente que ensinam os makuxis, os humanos, sobre a vida dos não humanos, isto é, dos seres da floresta.

As panton, quando trazidas para o livro editorial, têm sido classificadas como recontos, pois é reconhecida pelas editoras que sua autoria primeira é de ordem coletiva e oral. Recontos são contos de origem, contos ancestrais, contos que estão na memória coletiva do povo, tendo sido aprendido/escutado/sabido/apreendido primeiro na oralidade e depois desenvolvida na escrita alfabética editorial por um indígena pertencente ao respectivo povo do qual compartilha a narrativa. Como diz o parente, em um testemunho oral, Victor Hugo Makuxi, "as palavras são minhas, mas o conhecimento é nosso". É desse gênero, o reconto makuxi, que nos ocupamos neste artigo de autoria coletiva, desenvolvido na disciplina de "Tópicos Especiais: a Literatura Indigena Infanto-Juvenil" realizada no segundo semestre de 2024, na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Capítulo 2: A autoria indígena de Matilde Makuxi e Lacy Mariano

A História do Xibobo/Pokowa Pantoni é uma obra de autoria de Matilde Makuxi (Maiwa'pa/pata) e Lacy Mariano. As escritoras são do povo Makuxi, respectivamente da Comunidade Indígena Manoá e da Comunidade Cumaru, região Serra da Lua, município de Bonfim, em Roraima.

Lacy narrou essa história para Matilde no dia 17 de janeiro de 2020, respeitando a autoria oral e coletiva pertencente ao povo Makuxi. Ao reconhecer que a narrativa estava sob a responsabilidade de uma pessoa mais velha, e que ela só soube da narrativa por causa de Lacy, ao publicar a obra, ela demandou a coautoria, valorizando assim o saber que a própria Lacy adquiriu com o povo e que passa a Matilde e a todos os makuxis como herança cultural. A obra foi publicada pela Editora Wei, em 2021. Importante ressaltar que a editora é também makuxi.

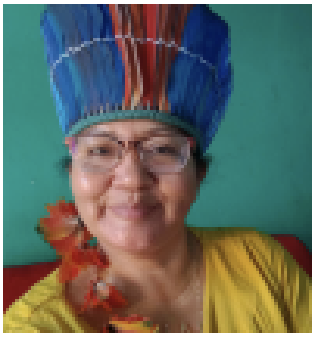
A obra é enraizada na vivência oral de gerações do povo Makuxi que habita a região do Circum-Roraima, bioma Amazônia, no extremo norte do Brasil. Além de trazer a pantoni, a leitora(o) também pode conhecer a narrativa na língua makuxi, entrando em contato com outro tronco linguístico indígena, o karib. Abaixo, as fotos das autoras e uma minibio que é encontrada na obra:

Figura 1. Lucy Mariano de Oliveira, 53 anos, indígena do povo Makuxi, moradora da Comunidade Cumaru, Região Serra da Lua, município de Bonfim, Roraima. Narrou essa história para Matilde, no dia 17 de janeiro de 2020. Pokowa Pantoni foi contada com alegria, fazendo visível seu prazer em compartilhar histórias na sua língua makuxi ou em português



Fonte: Imagem ilustrativa retirada da obra

Figura 2. Matilde Silva, indígena do povo Makuxi, de Roraima. Gosta de ser chamada também de *Maiwa'pa* (que significa pata). Atualmente, é coordenadora pedagógica na Secretaria de Educação do município de Normandia. Mestre em Letras pela UFRR e especialista em Métodos e Técnicas de Ensino pelo IFRR, é licenciada em Pedagogia pela UERR



Fonte: Imagem ilustrativa retirada da obra

Análoga à discussão na área das artes está o debate sobre a figura do autor indígena. Els Lagrou (2010) apresenta a diferença entre arte e artefato inexistente entre os povos indígenas, sugerindo que por essa razão resulta “a

inexistência da figura do artista enquanto indivíduo criador – cujo compromisso com a invenção do novo é maior que sua vontade de dar continuidade a uma tradição ou estilo artístico considerado ancestral" (LAGROU, 2010).

Mais do que se perguntar se a arte indigena é análoga ou diferente às artes ocidentais, acreditamos que a questão que deve ser colocada ao sinalizar o conjunto de artes de que manifesta as sociedades indígenas, nas artes e na literatura, é como essa relação já foi radicalmente transformada com a colonização. Por um lado, como a sociedade envolvente exclui a participação indígena de seus sistemas de artes (exposições em museus e galerias de arte, mercado artístico, escola de artes, crítica artística) e o quanto ela reconhece as importações ao mercado artístico que antes eram consideradas exclusivamente tradicionais. No âmbito makuxi, temos artistas como Lídia Raposo, Jarison Raposo, que são ceramistas; Carmézia Emiliano e Jaider Esbell (artistas visuais) que trazem códigos e elementos da tradição para o mercado de artes. Estes são alguns exemplos.

No que tange à literatura e ao autor makuxi, se antes as narrativas, as pantoni eram exclusivamente de ordem oral com vistas às *esenunpanto* (os ensinamentos), desde o contato com o não indígena, o branco (*karaiwa*), esta configuração mudou radicalmente também. Em outras palavras, a resposta dada pelos escritores makuxis para a possível não existência do autor nas comunidades ou sociedade makuxi é a de negociar estratégias para que os contadores de histórias possam ser reconhecidos como autores, como preconiza a Lei do Direito Autoral (9.610/1998), oriundos da autoria coletiva oral/propriedade intelectual imaterial.

Nesse sentido, escrever as pantoni, sendo de origem makuxi, é uma forma de reivindicar a autoria pelas narrativas que sempre pertenceram aos antepassados do povo Makuxi. E contestar essa autoria significa reclamar o direito de nomear as categorias conforme a tradição, sempre negociando os gêneros da literatura brasileira como melhor convém para o fortalecimento, a proteção e a propagação da literatura makuxi.

Capítulo 3: análise de "A história do Xibobo/Pokowa Pantoni"

"A história do Xibobo/Pokowa Pantoni" traz a abordagem sobre a cultura indígena makuxi destacando a forma indígena de se relacionar e conviver com a natureza. A narrativa é construída de maneira acessível, com uma linguagem que mimetiza a oralidade, estilo que a editora Wei compartilha com seus leitores.

O enredo destaca Xibobo, um não humano que também é gente e se manifesta nas duas formas, de pássaro e gente. Ele é um espírito dos antepassados ou entidades que habitam a floresta.

Xibobo é um antepassado que ao ser representado na literatura indica o perspectivismo, ou seja, o modo de vida da coruja pequena, conforme Matilde e Lacy. Xibobo é apresentado na narrativa como um menino não humano que compartilha o enredo com o menino humano (na língua makuxi se diz *pemonkon*, cuja tradução é gente verdadeira).

A escritora Lia Minapoty, em sua entrevista sobre recontos, no evento Balada Literária (2021, minuto 48'), que teve curadoria da professora makuxi Trudruá Dorrico, afirma que: "É o que nós vivemos, é o que nós ouvimos. (...) A pessoa viveu aquele momento, a vida real que se transforma em conto." Ao defender a vivência dos primeiros ancestrais não humanos, ela prefere, no gênero reconto, isto é, no conto que é de autoria coletiva oral do povo, nomear como "antepassados" os guerreiros da narrativa e não como "personagens" por se referir a um tempo real e não humano da crença indígena. Essas histórias foram vividas pelos antepassados, nós a conhecemos por meio das narrativas/histórias/pantoni, por isso a reverenciamos nos livros tal qual nas contações de histórias orais.

Aqui, optamos por nomear também Xibobo, por se configurar um reconto/pantoni, como "antepassado", para uma forma de metodologia de ensino da leitura makuxi, visto que se aproxima mais de como nomeiam os indígenas makuxis.

A narrativa inicia quando o menino sai para caçar no lavrado e encontra um Xibobo, o qual aparece na figura de um pássaro. Assim que o rapaz atira a flecha em sua direção, o pássaro desvia, já em forma de gente pega a flecha e esconde atrás das costas. Com isso, o menino vai falar com ele perguntando sobre a flecha e, então, o Xibobo devolve a flecha e o convida para ir à sua casa. O menino aceita o convite sob a condição de ter a flecha devolvida.

Xibobo recebe o menino com muito respeito e cordialidade, apresentando sua família. Ao menino, ele apresenta o pai, a mãe e as irmãs. Essa aparente simples informação denota o valor que os povos indígenas conhecem sobre a natureza: os seres da floresta (aqui a coruja pequena) possuem relações tal qual os humanos, isto é, possuem famílias e relações sociais.

Ao menino, o Xibobo mostra um pouco da sua cultura, de seus costumes, como o citado a seguir: "O homem já era gente (Xibobo). Todos eram pessoas. Aí, estavam lá, tinha caxiri, tudo, caça para comer. Botaram janta pra ele, jantaram... Juntamente com esse menino, comeram" (MAKUXI; MARIANO, 2021). A oferta de casamento feita pelo Xibobo implica que ele se vê como igual, e o rapaz ao aceitar uma das irmãs também expressa o mesmo sentimento, humanos e não humanos convivem e aprofundam suas relações reforçando o paradigma natureza e cultura, apesar da modernidade impor o valor do antropoceno, que além de atingir o ambiental também atinge profundamente as sociedades indígenas em todas as suas instituições, inclusive a espiritual.

Segundo Ferdinand (2022), o conceito de Antropoceno foi popularizado por Paul Crutzen e designa "a nova era geológica que sucede o Holoceno, na qual a atividade dos humanos se tornam uma força maior que afeta de forma duradoura os ecossistemas da terra" (FERDINAND, 2022). A ecologia decolonial, conceito proposto pelo autor, intenta pensar o mundo caribenho como palco para a decolonialidade, em conjunto com os movimentos feministas e antirracistas, dos quais não se pode separar a ecologia. Sendo o povo Makuxi de tronco linguístico Karib, logo, um tronco oriundo do mundo caribe, podemos notar pela narrativa, a relação intrínseca do povo Makuxi com a floresta, e por consequência a resistência ao

antropoceno moderno resultante da colonizaçao/escravização/genocídio para com os povos indígenas e o bioma amazônia.

No outro dia, Xibobo convida o menino para caçar, apresentando ao rapaz o que caçam, e, sobretudo, que seu alimento é saboroso, pois lhe consideram carne, tal como o homem makuxi considera as carnes de veado, anta, tatu, paca etc. Se o Xibobo vê uma manada de veado, o menino vê uma manada de ratos. Nesse ponto da narrativa, é possível observar o perspectivismo indígena, pois como afirma Viveiros de Castro (1996) ao estudar as cosmologias e narrativas indígenas:

> Os animais são gente, ou se veem como pessoas. Tal concepção está quase sempre associada à ideia de que a forma manifesta de cada espécie é um mero envelope (uma "roupa") a esconder uma forma interna humana, normalmente visível apenas aos olhos da própria espécie ou de certos seres transespecíficos, como os xamãs. Essa forma interna é o espírito do animal: uma intencionalidade ou subjetividade formalmente idêntica à consciência humana, materializável, digamos assim, em um esquema corporal humano oculto sob a máscara animal (VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 117).

Podemos perceber na narrativa o mesmo princípio, Xibobo se vê como gente, come o alimento como gente, e o menino lhe vê como gente, percebendo que não é gente verdadeira (*pemonkon*) quando nota que eles vão caçar ratos. Desta forma, a narrativa ensina aos humanos o tipo de alimento do pássaro que é a coruja pequena, mostrando que vivemos como eles e eles vivem como nós, reiterando o paradigma natureza e cultura, como afirma Descola ao se referir ao povo Achuar da Colômbia e às centenas de povos indígenas da Amazônia: "Os não humanos também são pessoas que participam da vida social, pessoas com quem podemos estabelecer relações de aliança ou, ao contrário, relações de hostilidade e de competição" (DESCOLA, 2016) .

Esta é uma forma de ver a natureza idêntica à sociedade dos homens. No decorrer da narrativa, após determinado tempo, Xibobo pergunta ao menino se ele tem família, e o rapaz responde que sim. Então Xibobo fala a ele para quando ir visitar sua família, levar comida, caça, e levar sua mulher para que sua família a conheça, etiqueta do casamento makuxi. Quando o menino volta para a casa de seus pais, ele leva consigo sua mulher que se transforma e aparece em forma de xibobo, o pássaro coruja pequena, fazendo com que a mãe do rapaz (*pemonkon*) rejeite a nora xibobo. A nora fica triste e decide ir embora voando. A história se encerra quando o rapaz percebe que sua amada foi embora e começa uma incessante procura por ela, sem nunca encontrá-la. Se, no primeiro momento, o rapaz *pemonkon* tem uma relação pacífica com Xibobo e sua família; neste segundo momento a relação é conflituosa e hostil com a moça xibobo. As relações entre humanos e animais são tão complexas quanto as que pensamos existir apenas entre os humanos.

Para explicar como a coruja pequena aparece transformada em gente, Souza (2020) cita Sullivan para explicar o tempo histórico e o tempo

ancestral das cosmologias indígenas. O tempo ancestral é chamado de tempo presente anterior, pois existia antes do tempo histórico atual, nesse período, os seres podiam se metamorfosear, se transformar em outras coisas, como é o caso do Xibobo que se transforma em gente. Na citação a seguir, há uma explicação para o tempo ancestral e o tempo histórico. No tempo histórico atual, cada ser se fixou numa única forma.

> (...) esse presente anterior de "primordium" (é) quando as coisas e os seres possuíam formas instáveis capazes de se mudarem constantemente; nesse plano temporal, tudo podia se transformar em outra coisa, até que ocorreu um grande desastre primordial que criou uma ruptura no tempo e acabou gerando o plano do tempo 'presente atual'. Nesse plano, os seres e as coisas pararam de mudar de forma e se fixaram permanentemente nas formas que tinham no momento do grande desastre primordial (SOUZA, 2020, p.172).

No reconto do Xibobo, o tempo ainda é o passado anterior, o "primordium", o tempo dos ancestrais, quando o não humano vive e usa a expressão familiar: *Yaako'* (cunhado) para interagir com o humano. Neste tempo dos ancestrais, que é o tempo da *pantoni*, o pássaro fala a mesma língua que o menino e isso os torna equivalentes, cunhados, parentes.

O mundo dos Xibobos e o mundo dos humanos coexistem na literatura makuxi, com características semelhantes e diferentes. Na narrativa do Xibobo, as diferenças são a maneira que cada grupo enxerga a caça, no caso do menino humano: ele vê um rato e não um veado, mas para o Xibobo a caça é o veado. Na relação entre os mundos, não há embates, nem discordância existencial. O menino aceita a visão do Xibobo e o rato passa a ser veado para ele também.

Librandi afirma que "Cada ser vive em seu próprio coletivo, mas nem por isso sua província (ou o que se chama real) pode ser considerada a única verdadeira" (LIBRANDI, 2018). Na narrativa analisada, Xibobo vive em um mundo que coexiste com o mundo do menino e por um momento, o menino entra na "província" do Xibobo e eles convivem em harmonia, da mesma maneira que a jovem xibobo casada com o menino vai se apresentar à família deste.

O menino volta para a sua casa e a família que estava sentindo a falta dele, comemora a sua volta. Porém, algo não está certo, a naturalidade da narrativa é quebrada quando o menino diz que casou com uma menina Xibobo. A mãe então pergunta: "E cadê essa tua mulher?" (MAKUXI; MARIANO, 2021), o questionamento da mãe é incômodo, não é natural como os outros diálogos da história. As palavras da mãe demonstram que ela precisa aprovar a nora, ao contrário do que aconteceu na casa dos não humanos, onde o menino pôde escolher com qual mulher se casaria. Nos trechos abaixo, é sentida toda a tensão da aprovação da nora xibobo pela sogra:

> Ela transformou, ela foi como mulher, mas ela transformou como Xibobo (passarinho). Aí, sentou em cima do jamaxim dele, assim. A sogra apareceu na porta, não tinha mulher.
>
> – E aí, Cadê? Cadê a minha nora? – ela falou
>
> – Não, ela tá aí, aí foi, ela estava aí, em cima do jamaxim.
>
> – Olha aqui! – Ela disse, a sogra disse pra ele:
>
> – Eu não quero nora pra mim Xibobo não. - Ela disse. (MAKUXI; MARIANO, 2021, p.21)

A angústia do casal se dá quando a sogra procura a nora e somente enxerga um passarinho no jamaxim, então, o veredito é dado: a sogra não aceita a nora Xibobo. O ápice da decepção da menina Xibobo: "Aí, ela escutou isso daí. – Cru! Cru! Cru! Cru!" (MAKUXI; MARIANO, 2021). A onomatopeia indica o amargo choro da esposa Xibobo, tristeza por não ser aceita na família do marido.

O menino humano recebeu tudo: acolhimento, comida, bebida e uma mulher. A Xibobo menina foi rejeitada pela sogra, nem pôde entrar na casa dos humanos. Por isso, a Xibobo foi embora: "...ela avoou, foi embora" (MAKUXI; MARIANO, 2021). A narrativa finaliza triste, mas a xibobo desejava ser acolhida como nasceu, um pássaro, mesmo correndo o risco de não ser aceita, ela optou por mostrar quem era de verdade: uma xibobo.

A narrativa nos permite perceber as relações familiares entre humanos e não humanos. Bem como, os sentimentos que envolvem os antepassados: a alegria do Xibobo e de sua família ao receber o menino; o casamento com a menina Xibobo; a aventura da caçada juntos; o desprezo da sogra; a partida triste da nora; a procura e a tristeza do marido pela esposa desaparecida. Todas essas situações fazem parte da *pantoni* apresentada pelas autoras, permitindo-nos vislumbrar a complexidade das relações e afetos entre os humanos e os seres da floresta.

Considerações finais: para uma metodologia do ensino da literatura makuxi

Este artigo foi escrito coletivamente na disciplina de "Tópicos Especiais: a Literatura Indígena Infanto-Juvenil" realizada no segundo semestre de 2024, na Universidade Federal de Roraima. Durante o semestre, foram realizadas algumas oficinas: de leitura da obra, de como apresentar a obra em eventos acadêmicos, de seminário na disciplina, de cadastro pessoal na revista acadêmica e de escrita de artigo acadêmico.

Nas aulas debatemos a literatura indígena e, ainda, os valores implicados nela. A discussão sobre a linguagem, tais como mito, lenda e folclore que em respeito aos povos indígenas foram substituídas, tal como aqui no texto, por histórias dos ancestrais, narrativas, histórias de antigamente. Igualmente, os termos "índio" e "tribo", por indígena e povos.

Durante a oficina de leitura, realizamos a metodologia do som do texto, repetindo as onomatopeias que o texto indicava, para aproximar da contação de história oral, recurso que divertiu a turma e que não passou despercebido ao analisar a obra textualmente. Outra característica importante para o ensino da literatura makuxi é reconhecer o gênero, se a obra é *pantoni*/reconto, ou conto com inspiração nas *pantoni*. Esta primeira identificação permite que o leitor possa inclusive reconhecer a relação dos envolvidos como antepassados ou como personagens, aqueles para o reconto, estes para o conto, respeitando assim a cultura e a espiritualidade makuxi.

Outro ponto acordado com a turma para a análise da literatura indígena foi o de consultar os autores vivos, aqui consultamos a comunidade de origem de Matilde Makuxi e também a tradução para Xibobo, pois o nome recebeu outras traduções de outros falantes makuxis. Esta metodologia pode sanar dúvidas sobre a interpretação do texto, sobretudo de brasileiros falantes da língua portuguesa que não têm contato com o povo makuxi e a teoria literária indígena.

Este artigo é resultado de reflexões, análises e trocas que objetivaram ler e compreender os princípios de análise das obras autorais indígenas dos povos de Roraima, dentre os quais foram Makuxi e Wapichana. Além da obra "A história do Xibobo" analisada, lemos também "Ipaty: o curumim da selva, de Ely Makuxi" (Paulinas, 2011); "Sapatos trocados" (Paulinas, 2014), de Cristino Wapichana; "Presente de Makunaima, de Kamuu Dan Wapichana" (Aua Editorial, 2020); e o conto "O caçador e o Curupira", de Trudruá Dorrico, presente em "Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena" (Companhia das Letras, 2023).

Esperamos que estas indicações e estas proposições possam apoiar os professores da rede básica e universitária numa outra metodologia para o ensino da leitura e pesquisa na crescente literatura indígena no Brasil.

Referências bibliográficas

ARMELLADA, Cesáreo de. **Taurón pantón: Cuentos y leyendas de los indios pemón**, Gran Sabana, Estado Bolivar, Venezuela. 2a ed. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 1989.

CIR. **Publicação dos professores indígenas da Região das Serras - Terra Indigena Raposa Serra do Sol**. Roraima, Brasil, 2004.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas outras culturas**. Tradução de Cecília Ciscato. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

DORRICO, Trudruá; NEGRO, Mauricio. **Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho.** Tradução Letícia Mei; prefácio Angela Davis; posfácio Guilherme Moura Fagundes. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FIOROTTI, Devair Antônio. **Panton Pia': Registro na Terra Indígena São Marcos.** Vol. I. Boa Vista: UERR edições, Wei, 2019.

JUVÊNCIO, Vitor Francisco (Pitura); SILVA, Eliza Silvino da. **Amooko Pîkon Pantono: Wayamuri, Moroopai Kaukuxi. Anna Eyenmata. Anna Maimu: A nossa língua é a nossa identidade.** Boa Vista: Editora da UFRR, 2014.

LAGROU, Els. **Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas**. Proa: Revista de Antropologia e Arte, nº2, vol.01, 2010.

LIBRANDI, Marília. **Escutar a escrita: por uma teoria ameríndia.** *In*: DORRICO, Julie. DANNER; Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Criação, crítica e recepção. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p. 195 a 226. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MACDONNELL, Ronaldo B. l. (org.) **Makuusipe Karemeto'pe Awanî (uma gramática pedagógica da língua macuxi).** Editora da UFRR, 2020.

MINAPOTY, Lia. **Conto Literário Indigena.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UARoQha87I4. Acesso em: 26. dez. 2024.

RAPOSO, Celino Alexandre; CRUZ, Maria Odileiz Souza. **Dicionário da Língua Makuxi.** Ed. Boa Vista, Editora da UFRR, 2016.

SILVA, Lacy Mariano da; SILVA, Matilde. **A história do Xibobo.** Capa, ilustração e diagramação Pedro Piragibe; tradução em Makuxi Rosilda da Silva. *et al*; revisão em Língua Portuguesa Ananda Machado, Sony Ferseck. 1. ed. Boa Vista, RR: Wei Editora, 2021.

SOUZA, Lynn Mário T. Menezes de. **Uma outra história, a escrita indígena do Brasil.** *In:* DORRICO, Julie. DANNER; Leno Francisco; DANNER, Fernando (Orgs.). Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Autoria, Autonomia, Ativismo. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 169 a 180, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.** Mana, v. 2, p. 115-144, 1996.

Recebido em: 02/01/2025* Aprovado em: 29/03/2025* Publicado em: 30/04/2025
